

## **A Festa da Cavalhada Pantaneira e suas Cotidianidades Comunicacionais: Um Olhar Sensível sobre Algumas Práticas Festivas, Táticas e Difusas<sup>1</sup>**

Lawrenberg Advíncula da SILVA<sup>2</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, MT

Cíntia SanMartin FERNANDES<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O presente texto é resultado das discussões acerca da relação entre Comunicação, Arte e Cidade, que são realizadas no Grupo de Pesquisa de mesmo nome (CAC), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). Trata-se de um breve ensaio de uma pesquisa ainda preliminar, cuja ênfase são as práticas consideradas “frívolas” de sociabilidade (e comunicabilidade), que se estabelecem no âmbito da Cavalhada de Poconé, Mato Grosso. À luz da tradição francesa dos estudos do cotidiano, uma das hipóteses levantadas é a de que estudar essas frivolidades constitui um importante campo retórico para a compreensão de questões caras para a experiência urbana e a cidadania contemporâneas no interior do Brasil. O que, no caso específico, exigiu como método-percurso a cartografia.

**Palavras-chave:** Comunicação; Cidade; Festa religiosa; Cartografia; Cavalhada.

### **Introdução**

#### **Batalha medieval entre Mouros e Cristãos agita Poconé**

*No domingo, 23 deste junho, Poconé, no Pantanal, recria o palco de uma grande batalha entre Mouros e Cristãos. É a Cavalhada.*

Nenhum povo é tão tranquilo quanto o pantaneiro, com seu jeito arrastado de caminhar, as frases curtas e com sotaque que é quase dialeto, os gestos lentos, a voz quase silenciosa. Seu temperamento é assim o ano inteiro, ou quase isso, porque em junho, quando Poconé acompanha a encenação de uma batalha medieval, acontecem correrias, discussões, movimentos rápidos com os braços e gritaria. A

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Assistente do curso de Jornalismo, da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCOM/UERJ, Grupo Comunicação, Arte e Cidade - CAC. Editor e coordenador da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS), [periodicos.unemat.br/index.php/ccs](http://periodicos.unemat.br/index.php/ccs)

<sup>3</sup> Pós-Doutora pela Escola de Comunicação da UFRJ e pelo Programa de Comunicação e Semiótica na PUC/SP (2007-2010), Doutora e Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Ao longo do doutorado realizou Estágio no Centre D'Etude sur L'Actuel et Le Quotidien (CEAQ) - Université René Descartes - Paris V - Sorbonne (2003). Professora adjunta e pesquisadora (Prociência/FAPERJ) da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS-UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UERJ). Atualmente é coordenadora e líder do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC) no CNPq e pesquisadora associada junto ao Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (NEPCOM-UFRJ) coordenando em parceria com o pesquisador Micael Herschmann (UFRJ) o projeto Cartografias Sensíveis das Cidades Musicais do Rio de Janeiro.

razão? É que o embate é a **Cavallhada**, um dos mais belos e tradicionais eventos culturais de Mato Grosso.

(Reportagem Publicada no site Boa Mídia, [www.boamidia.com.br](http://www.boamidia.com.br), 21/06/2019)

Como se pode notar no trecho do texto jornalístico acima, a festa da Cavallhada da pequena cidade de Poconé, Mato Grosso, que é vinculado à irmandade religiosa da festa de santo do Glorioso São Benedito, passa a ser abordada como um produto turístico, um verdadeiro fenômeno do consumo contemporâneo. Tal mudança de tratamento não somente corresponde ao lugar que a cultura popular e a tradição religiosa luso-brasileira vão ocupar numa cena contemporânea onde as práticas de celebração e suas mais distintas ritualidades se fazem cada vez mais midiáticas, mas no presente estudo vai constituir ponto de partida para compreender como elas vão exercer também um papel estratégico no status que a Comunicação e as cidades históricas vão assumir na era dos megaeventos no Brasil, a partir dos anos 2000.

Nesta perspectiva, Arte (Expressão do humano), Comunicação (Forma da Expressão do humano) e Cidade (Experiência da Forma de Expressão do humano), ascendem como eixos e articulação problematizadores do cotidiano contemporâneo. Em certa medida, a ênfase está no dimensionamento da experiência socioespacial da festa como condição subjetiva simultaneamente comunicacional e urbana. Ênfase que aqui também pretende evidenciar o esforço do texto de diálogo com a tradição francesa da Sociologia do Cotidiano, campo teórico que vai permitir aprofundar o olhar em relação a essa subjetividade a partir de uma noção mais multifacetada de experiência. Uma experiência a ser pensada em suas efemeridades, sensorialidades (SIMMEL) e comunicabilidades do comum (SODRÉ, 2014).

Isto exposto, pretende-se desenvolver aqui um relato cartográfico, desenvolvido antes do período pandêmico do novo coronavírus. A partir dele, busca-se narrar a experiência cotidiana da tradição numa ambiência “neotribal” que liga a Cavallhada/Cavallhódromo às versões contemporâneas da cidade de Poconé. Uma experiência a ser situada como parte de um complexo processo sociocomunicativo e enquanto “cotidianidades/peculiaridades comunicacionais”, onde, não por acaso, suas práticas, táticas (DE CERTEAU, 1995) e difusas, além de agenciadoras das mais distintas ritualidades e identidades culturais (HALL, 2017) – música, dança, moda, gastronomia, linguagem –, revelam-se, a título de hipótese principal,

aglutinadoras/comunicadoras de formas mais polissêmicas de habitar o mundo. Trata-se de uma imersão rápida e informal, onde o ir-e-vir insinua mais para uma flanagem baudelaireana<sup>4</sup>, onde a ambiência da festa se torna morada do indivíduo/festeiro. Trata-se de uma cartografia intimista, cujo esforço se faz na busca de uma Nova Babilônia pantaneira... ou não tão nova assim (...)

### **Dia de Cavalhada... Senão em busca da Nova Babilônia pantaneira**

Como festejo vinculado à festa de santo do Glorioso São Benedito, um santo negro e protetor da cidade de Poconé, a Cavalhada, desde sua primeira edição, em 1769, vai se desenvolver como principal acontecimento social da cidade. No seu festejo, como já mencionado, registra-se uma simulação das antigas batalhas entre cavaleiros cristãos e mouros do século VII, reeditando assim um cenário medieval de disputas territorial e religiosa. Ao todo, 24 cavaleiros participam, sendo 12 do lado azul e cristão, e outros 12 do lado vermelho e mouro. Eles travam diversas disputas, que mensuram as habilidades equestres e a destreza e valentia de manuseio de armas, então características designadoras de honra social e devoção religiosa no âmbito do imaginário cristão. Um dos pontos altos da Cavalhada é a dramatização do rapto da princesa e o incêndio do castelo mouro, numa cena inspirada na história mitológica do sequestro da princesa grega Helena pelo príncipe troiano Páris, estopim da Guerra de Tróia.

Historicamente falando, o festejo da Cavalhada, também chamado de folguedo por muitos folcloristas brasileiros, foi introduzido em Mato Grosso e Poconé pelo Capitão-General e terceiro Governador da época, Luís Pinto de Sousa Coutinho, num ato de solenidade e recepção de autoridades. Enquanto no Brasil os seus primeiros registros datam do século XVI, na região Nordeste, quando, de acordo com o historiador Silva (2001, p.27), elas foram realizadas inicialmente no estado de Pernambuco em 1584, depois na Bahia, em 1609, e depois em Pernambuco e Rio de Janeiro, em 1641, como forma de aclamação ao rei português Dom João VI.

---

<sup>4</sup> O termo Flanêur é um botânico do asfalto, a rua é a sua casa. Pelo menos numa definição inicial de Walter Benjamin (1994). O termo presta um reconhecimento a experiência dos indivíduos nas cidades grandes, onde se busca contemplar a modernidade da cidade, o progresso e sua dinâmica de vida. Sendo que Paola Berenstein (2012) a flanância constitui uma crítica moderna da própria modernidade, à transformação autoritária da cidade.

Em todos esses registros, de acordo com os pesquisadores Jancsó e Kantor (2001, p.78), as cavalhadas vão se desenvolver como festas de grandes “aparatos”. Pelo menos é o que fica evidente nessa descrição deles.

As cavalhadas eram festas de grandes “aparatos” [...] as praças públicas eram cenários privilegiados da festa. Na aclamação de José I, em 1752, se fizeram “festas de cavalo no terreiro da praça onde nosso governador havia mandado fazer uma esplendência praça com trincheiras, palanques, camarotes, com tantas distinções que mais parecia obra da corte do que seguir o uso destas índias, onde não se participam tantas regularidades. Enquanto a elite ocupava camarotes e palanques, o povo se espalhava por onde podia e frequentemente as pessoas se apinhavam nas janelas das casas para assistir ao acontecimento festivo.

(...)

A partir da percepção de visitante/turista, a impressão mais natural que se possa ter da pequena cidade de Poconé em dia de festejo de Cavalhada é de se tratar de uma nova paisagem urbana “parida” na ocasião. Desde o “Castelinho” decorado de bandeirolas azul-cristão e vermelho-mouro na entrada, o que se nota é um convite para a imersão a uma cidade que se autodenomina “Capital do Pantanal e das tradições culturais”.

Esteticamente falando, o Castelinho é uma edificação formada por uma muralha e duas torres, com duas entradas. A obra é uma cópia dos castelos medievais da Península Ibérica e desde sua construção, no final da década de 1990, ela se tornou um dos principais cartões-postais. Na sua fachada, a iconografia dos animais do Pantanal (tuiuú, jacaré, onça) e das atrações culturais da dança dos mascarados e dos cavaleiros da Cavalhada se fazem inscritos como um conjunto de marcas indicativas, que no âmbito do Marketing Territorial operam como características diferenciadoras.

Desde o megaevento esportivo da Copa do Mundo, na capital Cuiabá, em 2014, o investimento na fachada das cidades históricas da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC) tem sido cada vez habitual. Enquanto em Poconé tem como referência o Castelinho, em Nossa Senhora do Livramento, cidade também histórica, de 15 mil habitantes e localizada a 30km de Cuiabá, a referência são grandes obeliscos de animais do Pantanal, instalados nos canteiros centrais que demarca as vias de entrada, saída e retorno. Já na capital Cuiabá, através da revitalização da região da Orla do Porto, numa intervenção urbana avaliada em mais de 8 milhões de reais

([www.portaltransparencia.mt.gov.br](http://www.portaltransparencia.mt.gov.br)), a boemia e a sociodiversidade cuiabana parecem se resumir numa cidade cenográfica, uma microfísica, um simulacro.

De acordo com Aragonez e Alves (2012, p.327), nas ações de marketing das cidades, geralmente busca-se a diferenciação como vantagem distintiva. Para que haja essa diferenciação, os gestores tentam explorar as características mais específicas e potenciais do lugar. Características como valor ambiental, econômico, cultural, político, social, humano ou logístico. Ironicamente, muitas vezes o que define o êxito ou o fracasso dessas políticas de imagem é aceitação da opinião consumidora de pessoas de outros lugares.

No caso de Poconé, um dos intuitos é atribuir a marca “Cidade da Cavallhada”, da mesma forma que faz a cidade de Pirenópolis, em Goiás, onde mantém a tradição desse festejo desde 1826<sup>5</sup>, só que vinculado à festa de santo do Divino Espírito Santo. Aliás, embora a tradição da Cavallhada pareça estar mantida em muitas cidades brasileiras, entre elas, em Taguatinga (Tocantins), Bragança (Pará), Mazagão Velho (Amapá), Guarapuava (Paraná), Belmonte (Pernambuco), são nessas duas cidades do Centro-Oeste brasileiro, Pirenópolis e Poconé, que o festejo vai se consolidar como uma marca territorial insinuante, talvez por conta de algumas especificidades geográficas e históricas que no caso só tendem a agregar mais valor.

Além da estética territorial do Castelinho em Poconé, o visitante, um conterrâneo que viaja para rever familiares, ou o turista, integrado em alguma comitiva de excursão turística, ao adentrar mais uns 200 metros, vai deparar com uma avenida separada por um canteiro com postes decorados com mais bandeirolas em azul-cristão e vermelho-mouro. Essas bandeirolas são fixadas de forma alternada no topo de cada poste, com tamanho de 1 a 2 metros, cujo design e acabamento fazer atualizar as práticas informais de paisagismo das festas de santo na região, entre elas, o São João: formas geométricas geralmente triangulares e tecido translúcido.

Mais adiante, o que se constata são faixas de ráfia (um material mais artesanal e feito de trançado de plástico) estendidas desde a primeira grande avenida da cidade, a Avenida Anibal de Toledo (nome associado a um dos militares da Guerra do Paraguai), depois nas Avenidas BeriPoconé (nome associado aos primeiros habitantes da região,

---

<sup>5</sup> De acordo com o Portal de Turismo de Pirenópolis ([pirenopolis.tur.br](http://pirenopolis.tur.br)), a Cavallhada foi introduzida lá em 1826, pelo padre Manuel Amâncio, como um espetáculo chamado de “O Batalhão de Carlos Magno”.

indígenas) e Joaquim Murtinho (militar e político brasileiro do início do século XX). Nessas faixas, estão estampadas frases motivadoras aos cavaleiros, pajens (aprendiz dos cavaleiros) e à princesa. Elas mantêm informados a todos sobre quem são os festeiros e cavaleiros da edição anual da Cavallhada, mas, ao mesmo tempo, constituem práticas táticas (DE CERTEAU, 1995) de reafirmação identitária e política dos núcleos familiares no lugar, práticas de comunicação territorial.

O uso dessa comunicação mais artesanal e rudimentar, ou por conta dos materiais artesanais, ou por conta de saberes e técnicas informais, pode ser categorizado como práticas táticas, uma astúcia da resistência. Em certa medida, essas práticas, ao agenciarem modos específicos de divulgar a festa e promover a cidade, permitem compreender como se articula o imaginário do homem pantaneiro, em sua percepção carnalizada do mundo (BAHKTIN, 2013) e em face do seu contato e coexistência com a dinâmica das cidades-espetáculo. Essas práticas, segundo os estudos de Michel De Certeau (1995, p.94), devem ser enquadradas como formas sutis e que possuem uma enorme capacidade de se articularem diante das conformidades impostas. Trata-se de ações moleculares, cotidianas, cujos repertórios, cada vez mais heterogêneos, apresentam outras formas de agir, reagir, quer por atalhos, escapes, quer pelas gambiarras, em sua potência de elaborar bricolagens, misturas e sincretismos. Em outras palavras, discute-se aqui como as artes-de-fazer de Michel De Certeau nos possibilita analisar como os saberes locais e cotidianos desses festeiros de Poconé se relacionam e se rearranjam diante de uma lógica de vida cada vez mais tecnocrata, mantendo, por sua vez, uma certa autonomia inventiva, criativa.

Mais adiante, veremos mais dessa astúcia inventiva. Só que ao invés de se focar nos modos de produção dessa comunicação territorial, a ênfase será nos múltiplos sentidos que o movimento das multidões da Cavallhada produz na paisagem local.

### **Flanando com as multidões moventes e comunicativas da Cavallhada**

Dentro da ideia de flâneur de Walter Benjamin, a rua e a festa passam a ser morada dos indivíduos. Nesta perspectiva sociológica, o que se vê é uma tentativa de compreender o fato social, a existência social em seus múltiplos entrelaçamentos cotidianos. O que se busca é dimensionar a potência da comunhão, das afinidades,

considerando os aspectos mais vitalistas da aura que cerca a potência da rua (cidade) e da festa. Aborda-se aqui uma dimensão estética como melhor expressão do sensível partilhado por essas novas tribos.

Pensar as novas tribos contemporâneas e pensar e sentir como elas na ambiência cidade-em-festa constitui talvez o maior desafio do estudo, é importante frisar. Um desafio até o momento cumprido parcialmente, quando houve o esforço em descrever e dimensionar em terceira pessoa a experiência perceptiva do turista ou visitante. Adiante, o foco é analisar como esses reagrupamentos sociais, em suas diversas características, sugerem-nos categorias para compreender o imaginário do pantaneiro em sua potência mais subterrânea e mística. Um relato mais em primeira pessoa.

Além disso, vale destacar que o conceito de neotribalismo, de Michel Maffesoli (2002, p.107), além de evidenciar a forma específica assumida pela existência social em nossos dias, apresenta-nos como o indivíduo nesse estar-junto da festa acaba exercendo os mais variados papéis (personas). Uma questão que a partir da relação multidão movente x espaço Cavahada permite discutir, tanto diversas formas de estar e transitar o espaço liso e festivo, quanto identificar paisagens alternativas de cidade e festa.

Quando se enfatiza as multidões moventes, o que parece insinuante também destacar é que elas tendem a estabelecer uma experiência mais emocional do que racional com o espaço praticado, numa cartografia onde cada movimento forja uma nova arquitetura com os espaços. Uma cartografia provisória, intuitiva, não-programada e sem manual de instruções de viagem, então tão comuns nos guias turísticos comerciais. Uma cartografia em mudança constante, à medida que esses grupos ou microgrupos se fazem circular nas ruas e avenidas, praças. Pelo menos foi a impressão que ocorreu ao se observar de carro o percurso de diversos grupos de pessoas até o Cavahódromo.

No âmbito dos estudos do arquiteto italiano Francesco Careri (2013), analisar essas cartografias hedonistas constitui registrar práticas de ressignificar os espaços demarcados pela cidade moderna e produzir trajetos alternativos. Se placas, postes, calçadas e faixas se consolidam como elementos indispensáveis no tráfego urbano, o que se discute aqui é que provisoriamente a presença das multidões na paisagem urbana prescrevem outras sinalizações, menires, aventando outras relações sociais com o espaço, que a cada trajeto tende a desembocar em um novo sistema, novos códigos e

linguagem, numa atualização infinita. Sinalizações que articulam os mais variados repertórios e devires, revelando o que existe de mais específico ao mais comum no imaginário dos habitantes locais, no caso do povo pantaneiro.

Se partir pelo pressuposto que a festa para a mitologia grega está associada à diversão e a um estado de embriaguez perante a realidade, vide o mito de Dionísio, pode-se atribuir que nessas cartografias da festa se produza uma força extraordinária de fabulação do real. Trata-se de uma força que tende a se desdobrar em novas topografias imaginárias na medida que as multidões se fazem a se encontrar, a se rearranjar e se fragmentar em outras multidões. Nessas andanças, derivas sob o território que ora é estriado, que ora é liso, partilham-se sonhos, devaneios, fantasias, muitas vezes, no caso, potencializadas pelos sentimentos de devoção e fé, sentimentos então tratados por Freud como oceânicos, mas principalmente porque a própria experiência de se misturar na multidão já consiste por si numa estesia coletiva delirante, alucinante.

Nessa condição nômade da festa, o que se percebe são diversos ritornelos que operam como verdadeiras catalisadoras dessas aglomerações e circulação de multidões não somente no local e entorno da festa, mas em outras localidades da cidade. Ritornelos<sup>6</sup> implicados no som dos fogos de artifício, uma sonoridade ruidosa e icônica nas festas de santo do interior do Brasil, mas também relacionados na sincronização ruidosa entre os sons da buzina dos carros e das motos, das vozes polissêmicas das próprias multidões. Trata-se de ritornelos que para Deleuze e Guattari (2002) ativam memórias e modos de estar no mundo, neste sentido, reafirmando uma das características das novas tribos, a de religação permanente, num exercício de reencantamento (MAFFESOLI, 2002). Esses ritornelos vão emergir como uma trilha produtora de subjetividades e subjetivação, induzindo e seduzindo as multidões como flautas mágicas para os estados de ser e estar mais efervescentes. Vão na ambiência da Cavalhada, um multilugar que se espraia mais simbólico e sensorialmente do que fisicamente falando, instituir novos menires, referências e uma geocultura de devoção, sagrada, mas hedonista, mundana, nas multidões, entre as multidões, entre o concreto e o humano, que se pode notar por exemplo no modo como o toque repetitivo das caixas, uma arte-de-fazer que acompanha as lutas coreografadas entre os cavaleiros cristãos e

---

<sup>6</sup> Cf. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. 1837. Acerca do Ritornelo. In: *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* vol. 4. Editora 34, Rio de Janeiro, 2002, p. 123. Tradução: Sueli Rolnik.

mouros na Arena da Cavahada, constitui também um vetor de experiências multiterritoriais (HAESBAERT, 2018), assim que promovem novas imaginações do espaço, no contraste sensorial que provocam.

Olhando de maneira mais detalhada esses sons, ritornelos, gatilhos que favorecem a imersão aos simulacros da festa: nota-se um movimento que muda o estado anímico local e induz movimentos não somente em direção ao Cavahódromo, a partir de uma pulsão convergente, concêntrica, ao passo da arena de disputa entre cavaleiros cristãos e mouros ascender como centro e funil de todas redes de sociabilidade formadas naquele dia. Pelo contrário, o que parece mais redundante verificar no comportamento dessas paisagens sonoras trata-se de uma profusão de redes que ativam outras redes de sociabilidade no entorno da festa e para além dela. Trata-se de uma força que se espraia em ramificações policêntricas, onde a tradição, neste caso, torna-se simultaneamente foco e pretexto na ambiência da festa. Sendo foco quando o que parece mover as multidões e organizar as aglomerações, o estar-junto, assim designando as condições de partilha do sensível, é a expectativa do espetáculo em si, na imagem que se apresenta como principal elemento agregador. Já o pretexto passa a ser formado pelas multidões que se formam nos interstícios entre festa e cidade, sendo ambas mais territórios de experiência do que lugares físicos.

Numa abordagem conceitual mais ampla, quando se analisa os efeitos sonoros e sensoriais na circulação na festa da Cavahada, em formas suas cinéticas concêntricas e policêntricas, uma das ênfases está na figura-metáfora do rizoma dos filósofos Félix Guattari e Gilles Deleuze. Para esses autores (1995), o rizoma não tem começo, nem fim, sem distinções entre dentro ou fora. A sua natureza acentrada e aberta desafia a geometria regular dos trajetos, percursos e espacialidades. Igual às raízes de uma planta, ele se espraia para diversas direções, transbordando as divisas, os meios, ligando e se ramificando a partir de uma força orgânica, intuitiva, bem como também mística de existência social. Trata-se de um mover rizomático que se contrasta com o movimento linear nos corredores da escola, da igreja, do hospital ou do exército, então instituições apontadas por Michel Foucault como estruturas de confinamento. Sendo assim, mover rizoma, trata-se de um exercício mimético de se desconectar do mundo artificial e formas inorgânicas, frias, por meio de uma estética de se reconectar que, além da arte de ramificar-se, pluralizar-se, também se renova, se regenera.

Diante dos dispositivos de controle e sistemas panópticos, que buscam demarcar o lugar que os corpos devem ocupar na cidade de concreto, o movimento rizomático das multidões deve ser encarado aqui como regenerativo, emancipador. O que se verifica é um engenho lúdico, senão modo mais irreverente e espontâneo de se relacionar com a geografia da cidade. Uma irreverência que satiriza a razão de permanecer em alguns lugares ou a de sempre perfazer os mesmos trajetos, uma vez que o circular na e em festa, está mais próximo de um rolê no aleatório do que rota programada.

Fala-se aqui de cartografias e movimentos que vão se caracterizar mais pela arte do improvisado, uma prática tática e criativa (DE CERTEAU, 1995), conceito que não se aplica somente em relação às artes-de-fazer uma iconografia mais artesanal, mas onde permite analisar as multidões das pessoas em dia de Cavahada como uma sucessão de processos criativos. Assim capazes não somente de anunciar vida social para outros Centros e centros senão a praça da Matriz e a Praça Bem Rondon, lugares que concentravam as principais atividades econômicas da cidade, mas de mostrar que existe outras formas de vivenciar a cidade, para além do trabalho, das obrigações domésticas e deveres sociais mais comuns.

Numa ironia à música do Ira, “Feliz Aniversário, envelheço na cidade”, digamos que o que acontece em Poconé durante a Cavahada são cartografias de rejuvenescimento da cidade, na medida que a emoção e a efervescência que se insinuam como combustível regenerativo, inventivo, criativo. Nessa força renovadora, o festar, a experiência contemplativa de lazer, e também marcada de devoção e culto iconográfico aos símbolos que remetem a influência do catolicismo na região: celebram um grito de resistência de ser e estar na cidade que no âmbito dos processos de marginalização dos espaços urbanos nas cidades-espetáculo e dos megaeventos, possibilita devolver a memória esquecida, senão lembrar a todos os cidadãos que o velho, o decadente e obsoleto também nos pertence, também faz parte de nossa constituição enquanto cidadãos.

Seja nos inúmeros percursos ao Cavahódromo, ou em sua ambiência espaiada, mais líquida e fluída do que fechada e estável, cabe ao cartógrafo saber dimensionar politicamente a natureza dessas cartografias, dessas experiências “delirantes” da paisagem. Afinal, o que se viu na cartografia das multidões da Cavahada são mensagens potentes, transmitidas pelos movimentos, trejeitos e os mais diversos modos

dos corpos se inscreverem na paisagem. Um sujeito-coletivo que nos apresentou um quadro bastante sociodiverso de práticas visual e expectativa da paisagem no contexto de cidade-espetáculo.

Nessas práticas visuais, distintas, alternativas, devem ser identificados um complexo encadeamento entre mundo sensível e mundo das significações. Pelo menos é o que se pode perceber nos estudos de Pierre Sansot (2015) sobre as formas sensíveis. Do mesmo modo, compreender as variações que ocorrem de uma prática visual para outra, devem abranger o que Fábio La Rocca (2018) denomina de climatologia da cidade, onde essas experiências vão permitir sentir o espírito do lugar, de suas formas.

Na ambiência da Cavahada, reconhecer suas formas sensíveis favorece apontar a relação multidões moventes x espaço da cidade como um sistema sensorial, onde os grupos e microgrupos de pessoas e a paisagem estabelecem uma ligação profunda. A partir dessa ligação profunda, que eu vou dizer mais íntima, o que se discute são processos comunicativos que se caracterizam por evocar o que está no campo das emoções nessas práticas de sociabilidade. Uma comunicação que numa abordagem mais culturalista da cidade, pelo menos dentro dos estudos da professora Lucrecia Ferrara (2000), permite-nos enxerga-la a partir de duas manifestações culturais e comunicativas: a comunicação formal da cultura material e a comunicação informal da cultura enquanto experiência.

Isto posto, paisagem de concreto e paisagem das multidões moventes constituem duas propostas comunicacionais distintas, mas, vale destacar, coexistentes. A partir das fricções que elas se estabelecem, parece-me possível registrar diversos códigos corporais, sinais espaciais, linguagens socioespaciais, que no caso mais específico do Cavahódromo insinuaram como leituras sensíveis sobre modos de vidas na cidade que não havia reparado antes.

À luz de Ranciere (2005), a percepção cartográfica dessa multiplicidade de leituras pode ser interpretada na ótica de dissensualidades.

No caso do movimento das multidões da Cavahada em Poconé e mais especificamente na microfísica do Cavahódromo, o que deve se enfatizar é a coexistência das mais distintas formas de territorializar-comunicar a paisagem (e seus devires), o que demanda uma combinação de artes de relacionar-se visualmente: caminhar “em” e “com”, correr “entre” e “adentre”, saltar “cá” e “acolá”, aglomerar-se

“dentro”, “fora” e “afora”, dispersar-se “aqui” e “distante”, dançar “com” e “em”, vibrar, ver de “olhar” e de “entreolhar”, mas, sobretudo, de contemplar o presente. Em cada uma dessas coordenadas do corpo sentir a ambiência, performatizam alteridades que buscam afirmar outras identidades, subjetividades, diante da estética homogeneizante das cidades-espetáculo (...)

Neste sentido, e como equipamento urbano: o Cavahódromo está mais para uma localidade provisória e heterotopia de ilusão, onde ascende como um ambiente que parece fazer sentido social somente durante a realização da Cavahada. Instalado num clube particular da cidade (CCR), numa região suburbana considerada esquecida até há duas décadas, o Cavahódromo em dia de Cavahada projeta-se como uma imitação pantaneira da cidade medieval, com uma estrutura de barracas, arquibancadas e camarotes que se organiza a partir da forma retangular da arena de espetáculo (equivalente a um campo de futebol). Lá, as multidões, sedentárias e fixadas nas estruturas físicas, ou nômades, moventes e circulando com itinerários claros ou aleatórios, vão, ao lado da decoração ambientada com faixas e bandeirolas, constituírem-se enunciadores, meio e mensagem. Um sistema emergente de comunicação urbana, cultural e em contraposição às modernas técnicas de promoção territorial das cidades contemporâneas no contexto dos megaeventos.

### **Considerações parciais da flanagem**

Sem me estender muito: considerando que o comportamento das novas tribos alude a um novo espírito do tempo, a um novo modo de se inscrever no cotidiano (MAFFESOLI, 2002, p.103), debater essas cenas alternativas permite categorizar distintas experiências com as alteridades e diferenças a partir de territórios que irão se formar no espaço entre a cidade concebida e turística da Cavahada e a cidade praticada e relativa de cada cidadão. Essas experiências vão expressar mapas mentais, desejos, sensações diversas, devires, cotidianidades comunicacionais, deste modo, criando uma interlocução sensível, espontânea e mais porosa entre as massas urbanas e o espaço urbano.

Reconhecer o potencial estético e comunicativo dessas cotidianidades permite realocar o olhar para questões antes pouco exploradas sobre a relação tradição x turismo, tradição x modernidade, tanto em outros trabalhos sobre o lugar social das

festas populares no Brasil, quanto nos trabalhos mais específicos sobre a Cavalhada. Uma potência que se faz perceber no movimento das mais diferentes multidões, provando, por sua vez, que sob as estratégias locais de turismo, marketing territorial e promoção da cidade, coexistem outras forças que, além de estéticas, se insinuam ativistas, políticas, logo reivindicando não somente o direito de diversão e à festa, mas um bojo de questões mais complexas.

Isto posto e retomando Careri para a discussão, deve-se atentar que nesses diversos trânsitos na cidade em dia de Cavalhada o que está em jogo são novas formas de praticar o espaço, arquiteturas, não físicas, mas simbólicas do percurso, que remetem de maneira fabulativa e lúdica aos mais variados mapas. Em certa medida, as vivências socioespaciais e corporais-comunicativas mediadas da e na ambiência do Cavallódromo se fazem reveladoras não somente das transformações em curso na cidade sedentária, em suas demarcações visíveis no território e legislação e regras de conduta, mas dos modos de atualização das cidades nômades, onde arrastam em suas paisagens moventes devires, desejos, então características de uma experiência de vida que se pretende contemporânea.

Indo mais além, e para concluir: além de problematizar questões que tem sido flagrantes no desenvolvimento das cidades históricas da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, entre elas, a necessidade de políticas públicas de lazer e cultura mais democráticas, estudar as práticas de sociabilidade e comunicabilidades que ocorrem em “zonas autônomas temporárias”<sup>7</sup> como o da Cavalhada em Poconé possibilitam desenhar geografias mais alternativas, solidárias, generosas. Geografias que permitam, num mover rizomático, irreverente e combativo, desfrutar o que há de mais transformador da Nova Babilônia dos urbanos situacionistas de 1960//70, então uma cidade vivida em sua totalidade, uma cidadania plena – e hipercomunicativa.

### **Referências bibliográficas**

ARAGONEZ, Teresa; ALVES, Gonçalo Caetano. *Marketing Territorial: O futuro das cidades sustentáveis e de sucesso*. Working Paper - Revista Portuguesa de Marketing, Algarve, Portugal, v. 1, n. 2, p. 1-23, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 8. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013.

---

<sup>7</sup> De acordo com Hackym Bey, o conceito de zona autônoma temporária apresenta um universo de ativismo radical progressista que visa construir espaços para se combater poderes estabelecidos hegemonicamente.

- BECK, Ulrich. *Risk Society: Towards a New Modernity*. London: Sage, 1992.
- BEY, HAKIM. T.A.Z. *Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo (Obras Escolhidas 3)*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BELMINO, Silvia Helena; FREITAS, Ricardo Ferreira (Orgs.). *Intercidades: consumos e imaginários urbanos*. [livro eletrônico] Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cavalladas de Pirenópolis – um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974.
- CARERI, Francesco. *WALKSCAPES: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G.Gili, 2013.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* vol. 4. Editora 34, Rio de Janeiro, 2002.
- FERRARA, Lucrécia D'aléssio. *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000
- HAESBAERT, Rogerio. *Por amor aos lugares*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- JACQUES, Paola B. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LA ROCCA, Fabio. *A cidade em todas suas formas*. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- LÉVY, Pierre. *O Que é Virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- FREITAS, Ricardo Ferreira. *Rio de Janeiro, lugar de eventos: das exposições do início do século XX aos megaeventos contemporâneos*. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 20, 2011, Porto Alegre, RS. *Anais [...]*. Porto Alegre, RS: Compós, 2011.
- \_\_\_\_\_ *Da cidade-espetáculo à cidade-mercadoria: a comunicação urbana e a construção da marca RIO*. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 49-65, jan./jul. 2017.
- FOUCAULT, Michel. *Des espaces autres*. In: *Dits & Écrits (1954-1988)*, Vol. IV (1980-1988). Éditions Gallimard, Paris, 1994, pp. 752-762. Éditions établie sus la directions de Daniel Defert e François Ewald e collaboration de Jacques Lagrange.
- \_\_\_\_\_ *Vigiar e punir - História da violência nas prisões*. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989.
- JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. *Falando de festas*. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris.(Orgs.). *Festa. Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001.

KAVARATZIS, Mihalis. From city marketing to city branding: towards a theoretical framework for developing city brands. *Place Branding* (Henry Stewart Publications), v, 1, n. 1, p. 58-73, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Editora Forense Universitária. 3. ed. Rio de Janeiro, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. Abril Cultural, São Paulo, 1976. Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça.

MARTINS, Daniel Fernando Queiroz. *Turismo e desenvolvimento local no pantanal da transpantaneira: realidade ou utopia?* Tese de doutorado apresentada ao programa de pós graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR. 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed 34, 2005.

FERNANDES, Cíntia SanMartin; HERSCHMANN, Micael. *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. Intercom: São Paulo. 2014

\_\_\_\_\_. *Música, sons e dissensos: a potência poética feminina nas ruas do Rio*. Revista Matrizes. V.14 - Nº 2 maio/ago. São Paulo: USP, 2020

SILVA, Mônica Martins. *A festa do Divino. Romanização, Patrimônio e Tradição em Pirenópolis (1890 - 1988)*. Goiânia-GO: AGEPEL, 2001.

SANSOT, P. *Poétique de la ville*. Paris: Payot, 2015.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SIMMEL, Georg. *Les grandes villes et la vie de l'esprit*. Paris : Payot, 2018.

#### **SITES CONSULTADOS:**

Site jornalístico Boa Mídia. Reportagem “Batalha medieval entre mouros e cristãos agita Poconé. Link: <http://www.boamidia.com.br/batalha-medieval-entre-mouros-e-cristaos-agita-pocone>. Acessado em 20/01/2021.

Portal da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Link: [cnc.org.br](http://cnc.org.br). Acessado em 03/02/2021.